

Cinco Fatos sobre o Declínio do Dinamismo Empresarial no Brasil

Johnny W. Monteiro* Tomás R. Martínez†

Outubro/2023

Resumo

Nas últimas duas décadas, o dinamismo empresarial, o empreendedorismo e a fluidez no mercado de trabalho têm diminuído substancialmente nos países desenvolvidos. Esse fenômeno tem consequências profundas para o crescimento da produtividade, para o crescimento salarial e para a criação de empregos. No entanto, há uma escassez de trabalhos analisando esses fatores para países em desenvolvimento. Utilizando dados pareados de empresas e empregados fornecidos pela RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), este artigo explora a evolução do dinamismo empresarial no Brasil. Os resultados mostram que, assim como nos países desenvolvidos, o Brasil também tem apresentado queda no dinamismo empresarial, com redução na criação de novas empresas, na participação e no *employment share* de empresas jovens, no *employment growth* e na realocação de empregos. Por outro lado, diferentemente do observado em países desenvolvidos, observa-se redução na concentração do mercado de trabalho.

Paravras-chave: Dinamismo Empresarial, Realocação de Emprego, *Employment Growth*, Concentração no Mercado de Trabalho.

*PPGECO, Universidade de Brasília. Email: johnny.monteiro@aluno.umb.br

†Departamento de Economia, Insper. E-mail: tomas.martinez@insper.edu.br

Abstract

In the last two decades, business dynamism, entrepreneurship, and fluidity in the labor market have substantially decreased in developed countries. This phenomenon has profound consequences for productivity growth, wage growth, and job creation. However, there is a lack of studies analyzing these factors for developing countries. Using matched data from companies and employees provided by RAIS (Annual Social Information Report), this article explores the evolution of business dynamism in Brazil. The results show that, similar to developed countries, Brazil has also seen a decline in business dynamism, with a reduction in the creation of new companies, in participation and employment share of young companies, in employment growth and job reallocation. On the other hand, unlike what is observed in developed countries, there is a decrease in labor market concentration.

Keywords: Business Dynamism, Job Reallocation, Employment Growth, Labor Market Concentration.

1 Introdução

O processo de nascimento, crescimento, declínio e saída de empresas do mercado é chamado de dinamismo empresarial. Trata-se de um fator crítico no impulsionamento do processo de realocação, que melhora a produtividade e que caracteriza as economias de mercado (DECKER et al., 2020).

No entanto, nas últimas duas décadas, o dinamismo empresarial e a fluidez no mercado de trabalho têm diminuído substancialmente nos países desenvolvidos. Por exemplo, nos Estados Unidos, vários estudos apontam que a taxa de realocação de empregos entre empresas, a taxa de criação de empresas e a fração da força de trabalho em estabelecimentos jovens diminuíram ao longo do tempo (DAVIS; HALTIWANGER, 2014; DECKER et al., 2016). A queda no empreendedorismo tem consequências profundas para o crescimento da produtividade, para o crescimento salarial e para a criação de empregos. Historicamente, a realocação de empregos entre empresas reflete a transferência de recursos de empresas menos produtivas para empresas mais produtivas. Além disso, o dinamismo no mercado de trabalho é positiva para os trabalhadores e, na maioria das vezes, reflete em uma busca mais fluida por empregos com melhores *matches* ou evoluções na carreira com ganhos salariais.

Embora fatos estilizados sobre o dinamismo empresarial sejam bem documentados em economias desenvolvidas, evidências empíricas para países em desenvolvimento e em particular para o Brasil são escassas e restritas a horizontes curtos (CALVINO; CRISCUOLO; VERLHAC, 2020; BRUMMUND; CONNOLLY, 2019). Uma possível explicação para a falta de estudos em países em desenvolvimento são as limitações de dados. Os estudos sobre empreendedorismo muitas vezes requerem censos empresariais, informações sobre empreendedores e dados pareados empregador-empregado - bancos de dados que contêm informações coletadas de empresas, bem como informações sobre seus trabalhadores.

O presente artigo contribui para a literatura de dinamismo empresarial ao utilizar dados pareados de empresas e empregados, oriundos da RAIS, para documentar novos fatos sobre o dinamismo empresarial no Brasil, para o período de 1996 a 2017. Para tanto, se propõe a responder empiricamente as seguintes perguntas: o dinamismo empresarial no Brasil está caindo como nos países desenvolvidos? Como está evoluindo a taxa de criação de empresas e a participação de empresas jovens no Brasil? A taxa de realocação de empregos está caindo? A queda no dinamismo empresarial é acompanhada por um aumento na concentração do mercado de trabalho?

Ressalta-se que o objetivo principal deste artigo é documentar as tendências do dinamismo empresarial no Brasil, não se atendo a uma análise detalhada da série histórica e dos seus determinantes.

Os resultados obtidos a partir da análise dos dados para o período de 1996 a 2017 sugerem que o Brasil, assim como os países desenvolvidos, apresenta queda no dinamismo

empresarial. Os principais resultados mostram que houve redução na taxa de entrada de novas empresas (-5,4 pontos percentuais - p.p.), na participação (-5,7 p.p.) e no *employment share* (-5,0 p.p.) de empresas jovens, na média do *employment growth* (-5,3 p.p.) e na realocação de empregos (-11,3 p.p.). Além disso, observa-se redução na concentração do mercado de trabalho, o que vai na direção oposta ao observado nos países desenvolvidos.

1.1 Literatura

O dinamismo empresarial é fundamental para a alocação eficiente dos recursos em uma economia, contribuindo para a inovação e para o crescimento da produtividade (DECKER et al., 2016; HALTIWANGER, 2015). A constante entrada de novas firmas, por exemplo, garante pressão concorrencial nas empresas já instaladas, o que se reflete em melhor qualidade e menor custo dos produtos e serviços. Na ausência desse dinamismo, empresas já instaladas adquirem poder de mercado, o que gera uma distorção na distribuição dos rendimentos econômicos, desencoraja o dinamismo empresarial e a inovação (LOECKER; EECKHOUT; UNGER, 2020). Além disso, novas empresas representam uma parcela significativa da atividade econômica, e empresas jovens têm uma contribuição duradoura para o emprego agregado, mesmo apresentando altas taxas de saída - encerramento das operações (HALTIWANGER; JARMIN; MIRANDA, 2013). Por outro lado, a constante saída de empresas ineficientes do mercado também é desejável e faz parte do dinamismo empresarial, uma vez que possibilita a realocação dos recursos para alguma atividade economicamente mais eficiente.

No entanto, a literatura tem demonstrado que nas últimas décadas o dinamismo empresarial tem reduzido nos países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, Davis e Haltiwanger (2014) e Decker et al. (2016) documentam que a taxa de realocação de empregos entre as empresas, a criação e a destruição de empregos diminuíram ao longo do tempo. Além disso, Haltiwanger, Jarmin e Miranda (2013) e Decker et al. (2014) observam que houve queda na criação de novas empresas e que isso reduziu o dinamismo do mercado de trabalho nos Estados Unidos em até 30% nas últimas duas décadas. Por outro lado, houve aumento na concentração de mercado e no *profit share* (AKCIGIT; ATEŞ, 2021; DIEZ; LEIGH; TAMBUNLERTCHAI, 2018).

Em um artigo seminal, Davis e Haltiwanger (1992) documentam que nos Estados Unidos há uma heterogeneidade substancial na criação e na destruição de empregos, inclusive entre as empresas. Essa heterogeneidade aparece mesmo em empresas com características semelhantes, como, por exemplo, empresas do mesmo porte e que atuam no mesmo setor.

A queda no dinamismo empresarial, entretanto, não é um fenômeno exclusivo dos países desenvolvidos. Em um estudo que analisou 18 países e 22 setores nas últimas duas

décadas, [Calvino, Criscuolo e Verlhac \(2020\)](#) observaram que Brasil, Costa Rica, Turquia e Hungria também apresentaram significativa queda no dinamismo empresarial. Os autores ressaltam, inclusive, que esses países apresentaram tendência de queda no dinamismo ainda maior do que a maioria dos países Europeus da amostra. Outros autores, como [Criscuolo, Gal e Menon \(2014\)](#), também chegaram a resultados semelhantes. No entanto, esses estudos são generalistas, que analisam um grupo de países, não se aprofundando nas particularidades de cada um dos países da amostra. Além disso, são restritos a horizontes temporais curtos. A presente pesquisa se diferencia ao detalhar os dados de dinamismo empresarial exclusivamente para o Brasil, comparando com os dados para países desenvolvidos.

Todavia, apesar de ser documentado um declínio no dinamismo empresarial em vários países do mundo, ainda não há um consenso na literatura sobre os seus possíveis determinantes. As explicações variam, tendo como possíveis candidatos as mudanças demográficas ([KARAHAN; PUGSLEY; ŞAHIN, 2019](#)) e estruturais ([BLOOM et al., 2020](#)), a regulação do mercado de trabalho ([DAVIS; HALTIWANGER, 2014](#)), o poder de mercado adquirido pelas empresas já estabelecidas ([DIEZ; LEIGH; TAMBUNLERTCHAI, 2018](#)) e redução na difusão de conhecimento entre as empresas ([AKCIGIT; ATES, 2023](#)).

2 Dados e Amostra

O presente estudo emprega a base de dados RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) - um painel administrativo sigiloso de dados pareados de empregadores e empregados, coletados de 1985 a 2018. Essa base contém todas as informações sobre empresas e trabalhadores no setor formal brasileiro, incluindo a média de salários brutos mensais, características de indivíduos (gênero, idade, educação, horas de trabalho, ocupações, entre outros) e de empresas (ano de abertura e de encerramento, localização, setor, folha de pagamento, quantidade de empregados, entre outros).

2.1 Amostra e definições das variáveis.

A amostra é restrita a empresas privadas não financeiras. Isso requer atenção especial, uma vez que, durante o período mencionado, a RAIS passou por mudanças em sua metodologia de coleta de dados. Antes de 1995, não havia informações sobre o status legal da empresa - a principal variável utilizada para definir se a empresa é privada ou pública. Além disso, por volta de 1995, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mudou os códigos das indústrias. Isso é refletido na RAIS, pois o código da indústria é substancialmente menos detalhado antes de 1995.¹ Para contornar esses problemas, a amostra base é definida a partir de 1996, utilizando uma definição mais rigorosa de

¹ A partir de 1995, o código do setor é CNAE 1.0 (*Classificação Nacional de Atividades Econômicas*).

empresas públicas e privadas, com base no status legal da empresa. Como último ano do recorte temporal, optou-se por utilizar o ano de 2017, uma vez que os dados são censurados em 2018, gerando distorções em algumas das variáveis calculadas. No entanto, ressalta-se que foram utilizados todos os anos disponíveis na base de dados para calcular a idade das empresas.

Entrada, saída e idade das empresas

Define-se entrada de uma empresa em t se a empresa registrou um número positivo de empregados pela primeira vez na amostra. Por outro lado, define-se saída se o estabelecimento registrou um número positivo de empregados em dezembro do ano $t - 1$, mas nenhum funcionário em dezembro do ano t . Dessa forma, a idade da empresa é calculada como o ano t menos o ano de entrada.

A partir disso, subdividiu-se as empresas em classes de idade, de modo a tornar a análise mais didática: menos de 1 (um) ano de atividade (empresas entrantes); 1 a 4 anos (empresas jovens); 5 a 9 anos (empresas maduras); e mais de 10 anos de atividade (empresas antigas).

Tamanho das empresas

O tamanho da empresa, por sua vez, é definido conforme em [Haltiwanger, Jarmin e Miranda \(2013\)](#), ou seja, uma média entre a quantidade de empregados no ano $t - 1$ e no ano t . Conforme ressaltam os autores, essa abordagem para medir o tamanho das empresas em uma análise da dinâmica do crescimento é apropriada, pois considera o viés da regressão à média.

Em linha com [Haltiwanger \(2015\)](#), subdividiu-se as empresas em classes de tamanho, de acordo com a quantidade de empregados que a empresa possui: 1 a 19 ; 20 a 49; 50 a 99; 100 a 249; 250 a 499; e mais de 500 funcionários. O Quadro 1 mostra a participação de cada classe de tamanho na amostra.

Quadro 1 – Participação de empresas por tamanho, em 1996, 2007 e 2017

Tamanho	1996		2007		2017	
	Empresas	Participação	Empresas	Participação	Empresas	Participação
1-19	1.132.407	91,0%	1.904.627	91,3%	2.674.607	91,7%
20-49	68.592	5,5%	116.942	5,6%	159.733	5,5%
50-99	22.688	1,8%	35.769	1,7%	45.775	1,6%
100-249	13.652	1,1%	19.221	0,9%	24.015	0,8%
250-499	4.305	0,3%	6.285	0,3%	7.359	0,3%
500+	2.548	0,2%	4.054	0,2%	5.090	0,2%
Total	1.244.192	100,0%	2.086.898	100,0%	2.916.579	100,0%

Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Crescimento do emprego (*Employment growth*)

Seja E_{it} o emprego no ano t para a empresa i , o *employment growth* g_{it} nível-firma é definido conforme em [Decker et al. \(2014\)](#), isto é:

$$g_{it} = (E_{it} - E_{it-1}) / X_{it},$$

onde

$$X_{it} = 0,5 * (E_{it} + E_{it-1}).$$

Para o *employment growth* agregado de todas as empresas, temos:

$$g_t = \sum_i (X_{it}/X_t) g_{it}$$

onde,

$$X_t = \sum_i X_{it}$$

A partir de derivações simples dessa definição, é calculado também o *employment growth* para agregações de empresas por tamanho, idade e CNAE.²

Ressalta-se que essa medida de crescimento do emprego é limitada por $[-2, 2]$ e considera todas as empresas, inclusive empresas entrantes e empresas que encerraram suas atividades no ano t .

Criação, destruição e realocação de empregos

Definido o crescimento do emprego, podemos definir também a criação (JC_{it}) e a destruição (JD_{it}) de empregos:

$$JC_{it} = \max(g_{it}, 0)$$

$$JD_{it} = \max(-g_{it}, 0)$$

Para o agregado de todas as empresas, temos:

$$JC_t = \sum_i (X_{it}/X_t) \max\{g_{it}, 0\}$$

$$JD_t = \sum_i (X_{it}/X_t) \max\{-g_{it}, 0\}$$

Com isso, conseguimos calcular a realocação de empregos no período t :

$$JR_t = JC_t + JD_t$$

² Para uma definição completa e detalhada de cada variável e de suas agregações, consultar [Decker et al. \(2014\)](#).

A partir de manipulações diretas dessas definições, conseguimos calcular a realocação de empregos para agregações de empresas por tamanho, idade e CNAE.³

Herfindahl-Hirschman Index (HHI)

Ao longo do artigo, também será discutido sobre concentração no mercado de trabalho. Para tanto, será utilizado o Herfindahl-Hirschman Index (HHI), bastante utilizado na literatura de organização industrial para mensurar a concentração de mercado:

$$HHI_{m,t} = \sum_{i=1}^{N_m} S_{it}^2$$

onde,

- $HHI_{m,t}$ é a concentração no mercado m no ano t ;
- N_m é o número de empresas no mercado m ; e
- S_{it} é a participação de mercado da empresa i no ano t .

No presente artigo, a participação de mercado S_{it} de cada empresa é calculada a partir da quantidade de empregados que a empresa i possui no ano t (E_{it}), em proporção ao emprego total no mercado m no ano t ($E_{m,t}$). Ou seja:

$$S_{it} = (E_{it}/E_{m,t}) * 100$$

Para a definição de cada mercado, considerou-se a região geográfica imediata (rgi) e os três primeiros dígitos da CNAE de cada empresa. Isto é, fazem parte de um determinado mercado m todas as empresas i localizadas na mesma rgi e que possuem os mesmos três primeiros dígitos da CNAE.

Ressalta-se que o HHI pode variar de zero a 10.000, com valores próximos a zero indicando um mercado competitivo e valores próximos a 10.000 indicando um mercado concentrado (HHI igual a 10.000 significa um mercado monopolizado).

3 O Declínio no Dinamismo Empresarial no Brasil

Nesta seção, analisaremos alguns fatos que sustentam a hipótese de que, assim como nos países desenvolvidos, e em particular nos Estados Unidos, também está ocorrendo uma queda no dinamismo empresarial no Brasil. Para tanto, serão analisadas as seguintes variáveis: taxa de entrada (criação de novos estabelecimentos) e saída (encerramento

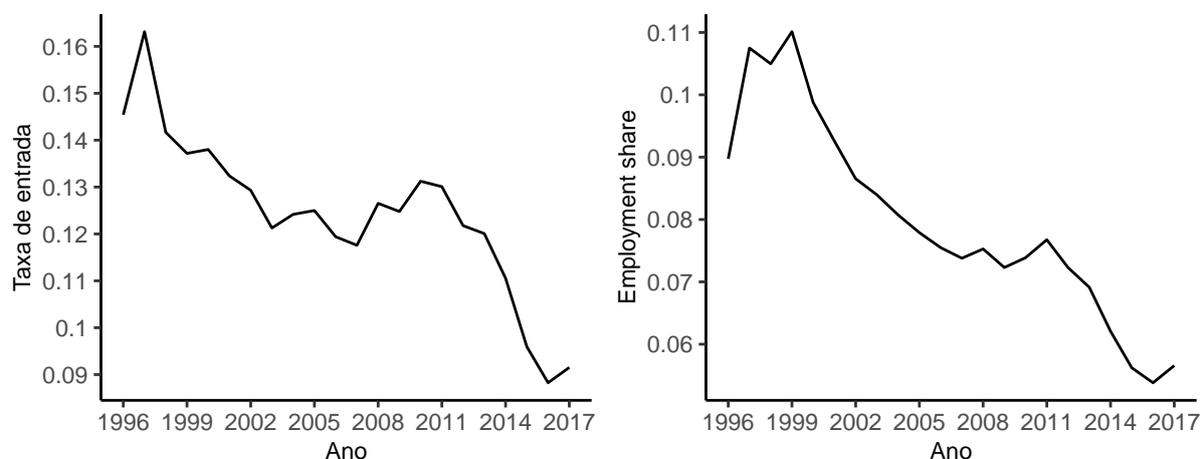
³ Para uma definição completa e detalhada de cada variável e de suas agregações, consultar [Decker et al. \(2014\)](#).

das atividades) das empresas; *employment share*; tamanho médio das empresas; participação das empresas no mercado; crescimento do emprego (*employment growth*); criação, destruição e realocação de empregos; e concentração do mercado de trabalho.

Fato 1. *A taxa de entrada e o employment share de novos estabelecimentos têm reduzido*

Conforme mostra a literatura, a taxa de entrada e o *employment share* das empresas entrantes (recém criadas) têm diminuído nos países desenvolvidos, inclusive nos Estados Unidos (HALTIWANGER, 2015; DECKER et al., 2016; AKCIGIT; ATEŞ, 2021). A Figura 1 demonstra que o Brasil também acompanha esse movimento, apresentando tendência declinante para a taxa de entrada e *employment share* das empresas recém criadas (menos de 1 ano). A taxa de entrada, por exemplo, caiu de 14,5%, em 1996, para 9,1%, em 2017 - uma redução de 5,4 p.p. Também o *employment share* destas empresas, que chegou a ser 11,0% em 1999, caiu para 5,7% em 2017 - redução de 5,3 p.p.

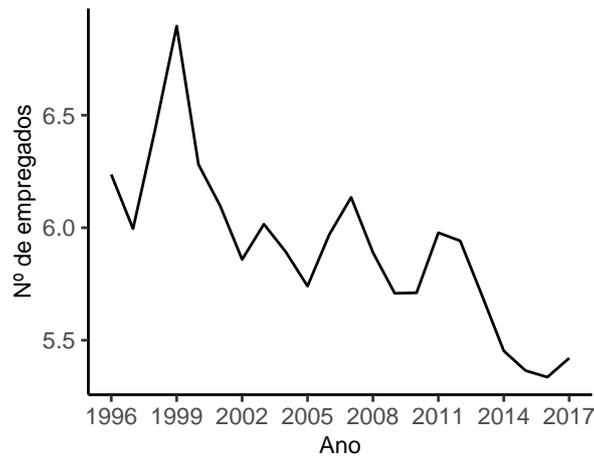
Figura 1 – Taxa de entrada (esq.) e *employment share* (dir.) das empresas entrantes



Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Além disso, conforme mostra o Quadro A.1, no Anexo, essa queda observada na taxa de entrada é um movimento que afeta todos os setores da economia, não se tratando de uma realocação de empresas entre os setores. Ao mesmo tempo, nota-se também que o tamanho médio das empresas entrantes (em termos de número de empregados) vem caindo sutilmente ao longo dos anos, saindo de 6,4 empregados em 1996 para 5,4 em 2017, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Tamanho médio das empresas entrantes

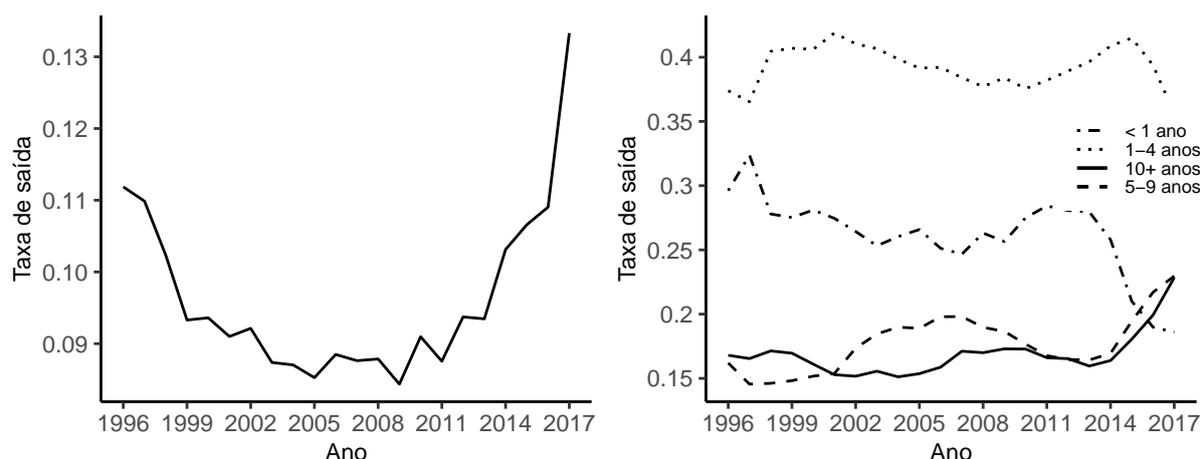


Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Também tem sido observado na literatura de dinamismo empresarial uma queda na taxa de saída das empresas (encerramento das atividades). Nesse sentido, analisando uma amostra de 18 países, desenvolvidos e em desenvolvimento (incluindo o Brasil), (CALVINO; CRISCUOLO; VERLHAC, 2020) constatou que, na média, a taxa de saída tem se mantido estável, tendência esta também observada nos Estados Unidos (DECKER et al., 2016). A Figura 3 mostra que o Brasil apresentou aumento de 2,1 p.p. na taxa de saída de empresas ao longo da série histórica analisada.

Por outro lado, quando analisamos a taxa de saída por idade (gráfico direito da Figura 3), nota-se que os resultados são heterogêneos. Para as empresas entrantes (menos de 1 ano de atividade), nota-se uma redução da taxa de saída; para empresas jovens (1 a 4 anos), nota-se certa estabilidade; e para empresas maduras e antigas (mais de 5 anos) observa-se aumento na taxa de saída. Interessante notar que, à parte as empresas entrantes, a taxa de saída diminui à medida que a idade das empresas aumenta, em linha com o observado na literatura para os Estados Unidos (HALTIWANGER, 2015).

Figura 3 – Taxa de saída das empresas, total (esq.) e por classe de idade (dir.)



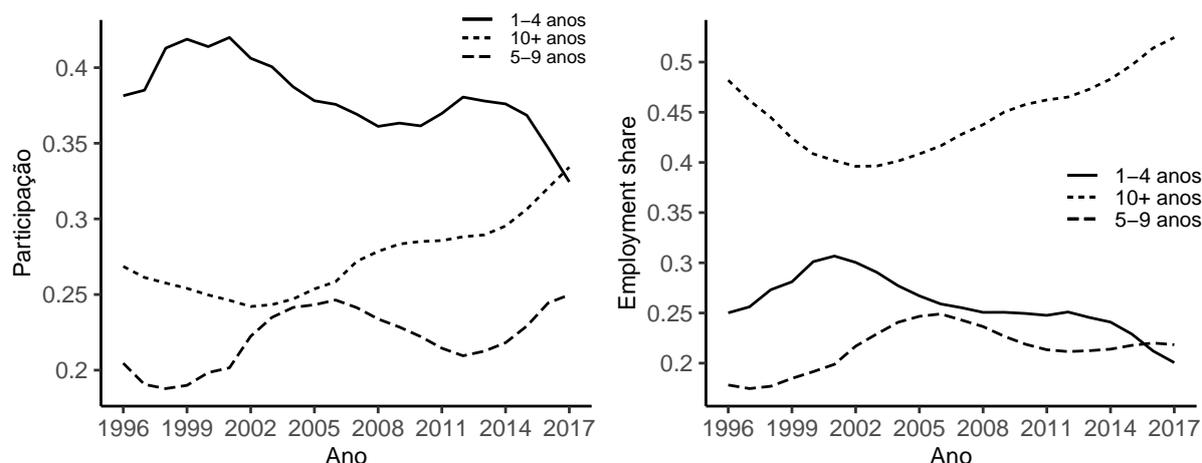
Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Outra observação é que as empresas entrantes (menos de 1 ano) e jovens (1 a 4 anos) são as que apresentam a maior taxa de saída do mercado. Isto é, em média, 65,4% das empresas encerram suas atividades antes de completarem 5 anos de funcionamento. Por outro lado, as empresas maduras e antigas (5 anos ou mais) são as que apresentam as menores taxas de saída. Esse fato demonstra que os anos iniciais de atividade são críticos para determinar se uma empresa terá ou não longevidade no mercado.

Fato 2. A participação e o *employment share* das empresas jovens reduziram

Nesse mesmo movimento de redução da taxa de entrada de empresas na economia, a literatura também tem observado a queda na participação e no *employment share* das empresas jovens nos países desenvolvidos (AKCIGIT; ATEs, 2023; HALTIWANGER, 2015; HALTIWANGER; JARMIN; MIRANDA, 2013). A Figura 4 confirma que no Brasil as empresas jovens também estão perdendo participação: uma redução de 5,7 p.p. no período de 1996 a 2017. Observou-se queda também no *employment share* destas empresas: -5,0 p.p. no mesmo período. Por outro lado, as empresas antigas apresentam movimento oposto, isto é, estão ganhando participação (+6,6 p.p.) e *employment share* (+4,3 p.p.) no mercado. Analisando as empresas maduras, nota-se que, embora de maneira mais sutil, estas também demonstram tendência de crescimento em participação, no entanto, assim como as empresas jovens, estão perdendo *employment share*.

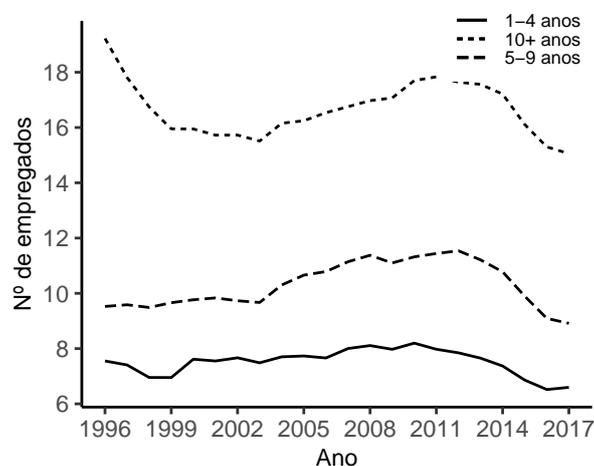
Figura 4 – Participação (esq.) e *employment share* (dir.) das empresas, por classe de idade



Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

A partir da Figura 5 podemos observar que, na média, assim como no caso das empresas entrantes, as empresas jovens, maduras e antigas estão diminuindo de tamanho. Além disso, nota-se que o tamanho médio das empresas aumenta conforme a classe de idade. Ou seja, as empresas que sobrevivem aos primeiros anos de funcionamento tendem a crescer.

Figura 5 – Tamanho médio das empresas, por classe de idade



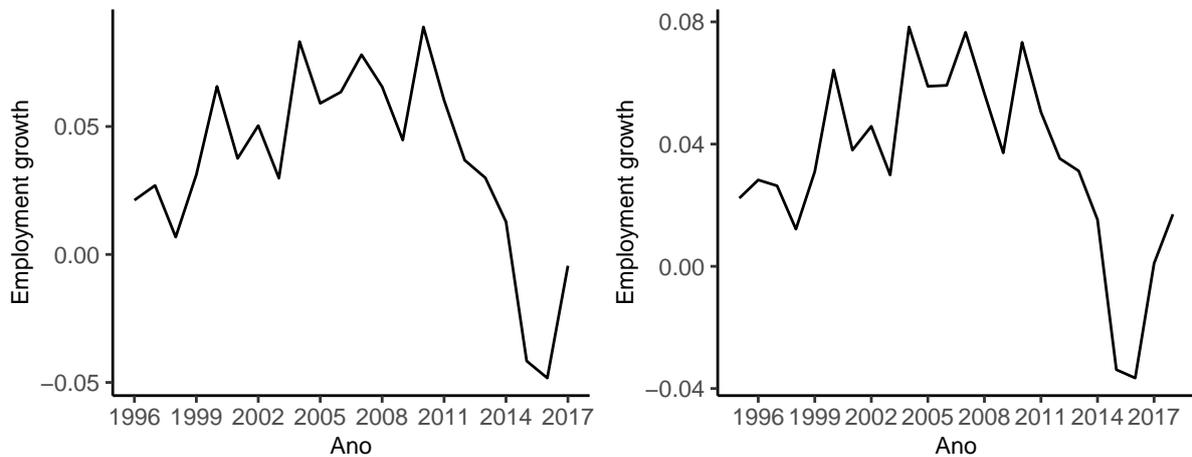
Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Fato 3. O crescimento do emprego e as empresas high-growth estão diminuindo

A Figura 6 mostra que o *employment growth* para o total de empresas e para as empresas remanescentes (desconsidera empresas entrantes e empresas que encerraram suas atividades no ano t) vem caindo no Brasil na última década. Até 2010, a tendência observada era de crescimento do emprego. No entanto, a partir de 2011 a série demonstra tendência declinante, passando a apresentar crescimento negativo a partir de 2015. A

média de crescimento no período foi de 3,6% para o total de empresas e de 3,5% para as empresas remanescentes.

Figura 6 – *Employment growth* para o total de empresas (esq.) e para as empresas remanescentes (dir.)

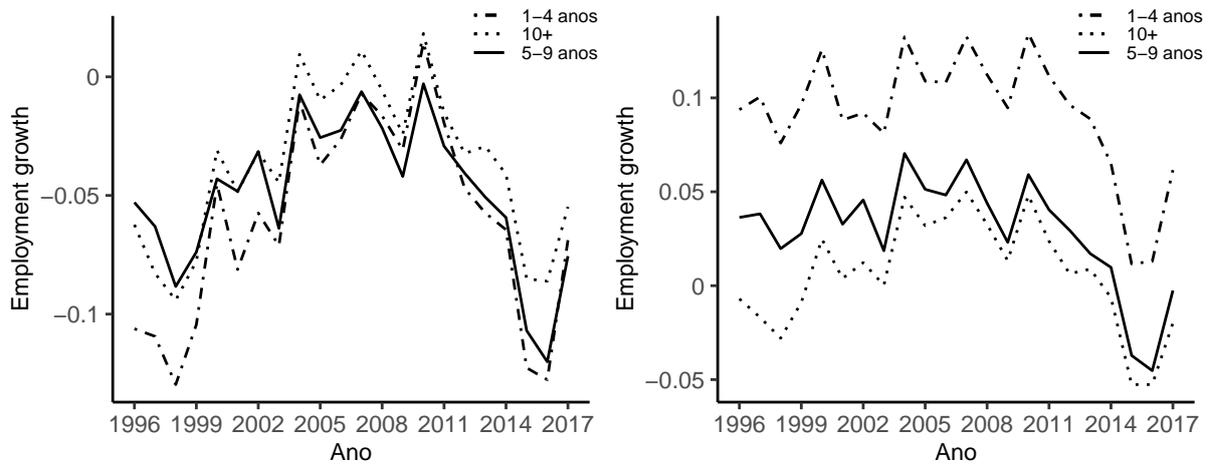


Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Analisando a Figura 7, nota-se que a tendência de queda do *employment growth* na última década afeta as empresas de todas as idades. Além disso, observa-se que a dinâmica de crescimento é bastante homogênea quando consideramos o total de empresas (gráfico esquerdo). Isso ocorre, possivelmente, pelo fato de que as empresas mais jovens, apesar de crescerem mais, apresentam maior taxa de saída, o que contribui para reduzir o *employment growth*.

O gráfico direito da Figura 7, que considera apenas as empresas remanescentes, corrobora com essa hipótese: nota-se significativa heterogeneidade no *employment growth* entre as diferentes classes de idade, com as empresas mais jovens apresentando crescimento mais expressivo. Por exemplo, as empresas jovens (1 a 4 anos) remanescentes tiveram *employment growth* médio de 9,2% no período, enquanto as empresas antigas (10 anos ou mais) remanescentes, 0,7%. Em outras palavras, as empresas jovens tiveram *employment growth* 13 vezes maior do que as empresas antigas. Essa importância das empresas jovens no crescimento do emprego também é observada em outros países emergentes e em países desenvolvidos (BRUMMUND; CONNOLLY, 2019; CRISCUOLO; GAL; MENON, 2014; HALTIWANGER; JARMIN; MIRANDA, 2013).

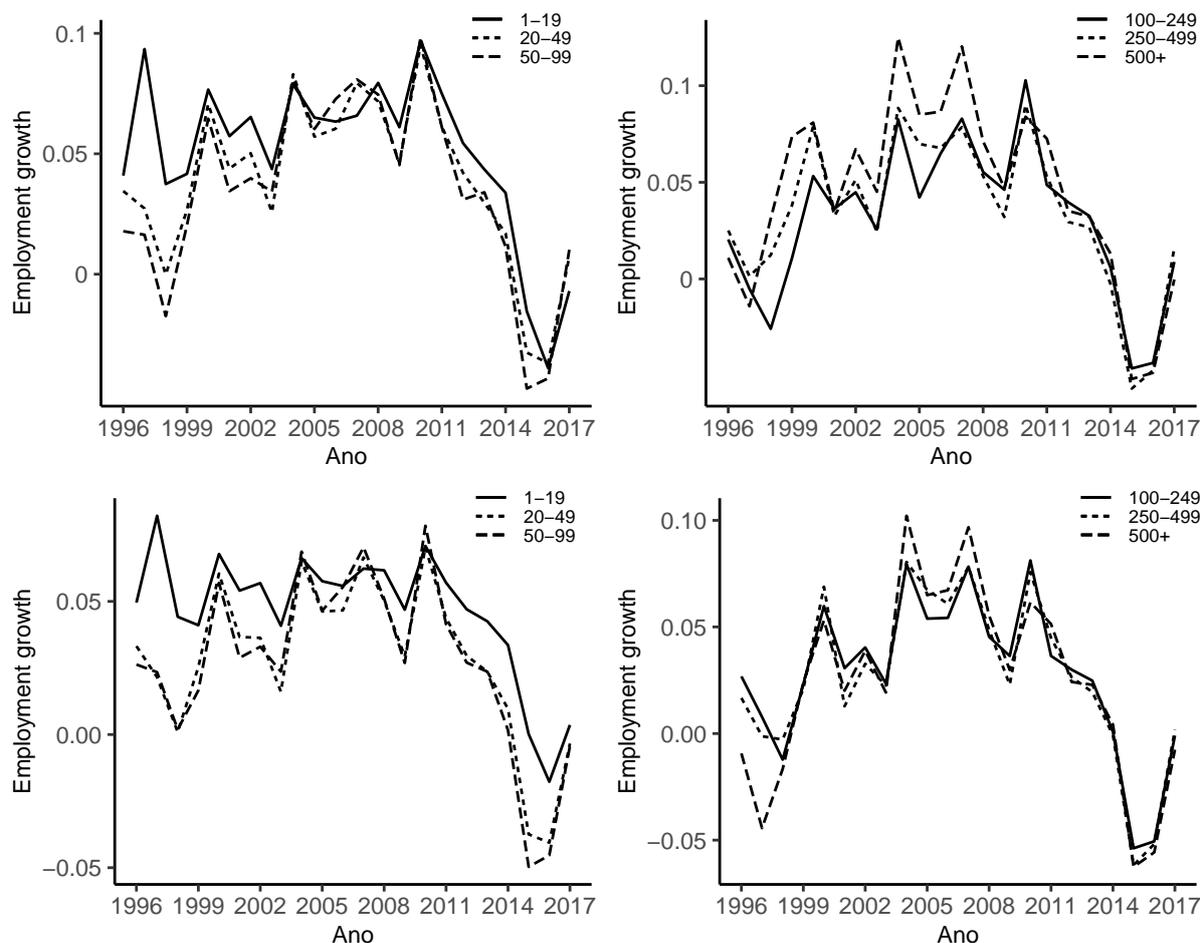
Figura 7 – *Employment growth* para o total de empresas (esq.) e para as empresas remascentes (dir.), por classe de idade



Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Nota-se que quando analisamos o *employment growth* por tamanho (Figura 8), não se observa discrepância significativa entre os grupos, independentemente se considerarmos o total de empresas ou apenas as empresas remascentes. Em consonância com [Brummund e Connolly \(2019\)](#) e [Haltiwanger, Jarmin e Miranda \(2013\)](#), isso indica que para se entender melhor a dinâmica da criação de empregos, uma análise por idade das empresas é mais informativa do que uma análise por tamanho.

Figura 8 – *Employment growth* para o total de empresas (acima) e para as empresas remanescentes (abaixo), por tamanho

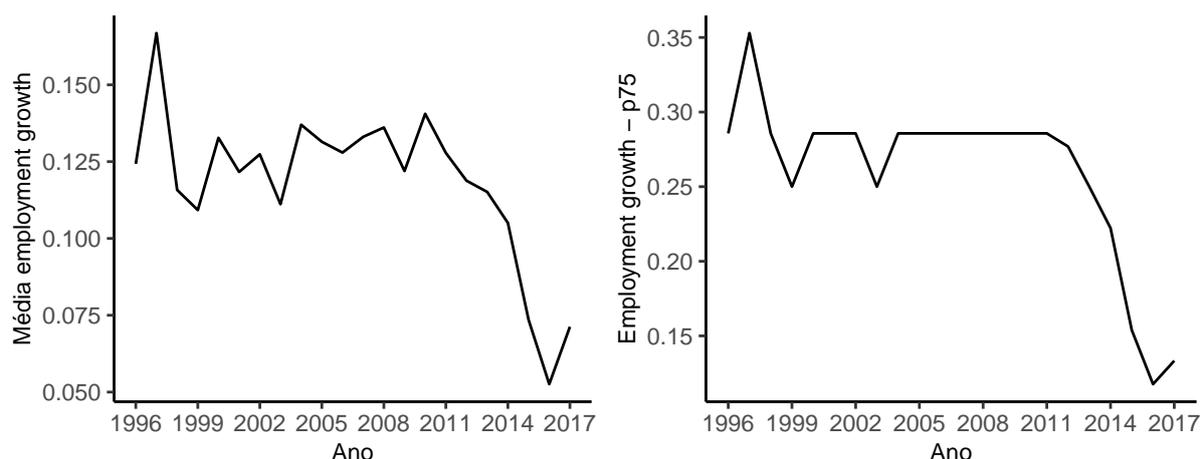


Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Nos Quadros A.2 e A.3, no Anexo, temos o *employment growth* por CNAE para o total de empresas e para as empresas remanescentes. Constata-se, a partir desses dados, que a queda no *employment growth* tem afetado praticamente todos os setores e subsetores da economia, com algumas poucas exceções.

Outro fato que tem sido observado na literatura de dinamismo empresarial é a redução das chamadas empresas *high-growth* (CALVINO; CRISCUOLO; VERLHAC, 2020; DECKER et al., 2016; HALTIWANGER; JARMIN; MIRANDA, 2013). A Figura 9 mostra que esse fato também está ocorrendo no Brasil. O gráfico esquerdo, por exemplo, mostra que a média do *employment growth* para as empresas remanescentes brasileiras caiu de 12,4%, em 1996, para 7,1% em 2017 (chegando a ser 16,7% em 1997). Outro dado interessante é observado no gráfico direito da Figura 8, que mostra que uma empresa remanescente do percentil 75 da distribuição de *employment growth*, que crescia cerca de 28,6% em 1996, passou a crescer 13,3% em 2017 - uma queda de 15,3 p.p.

Figura 9 – Média (esq.) e percentil 75 (dir.) do *employment growth* das empresas

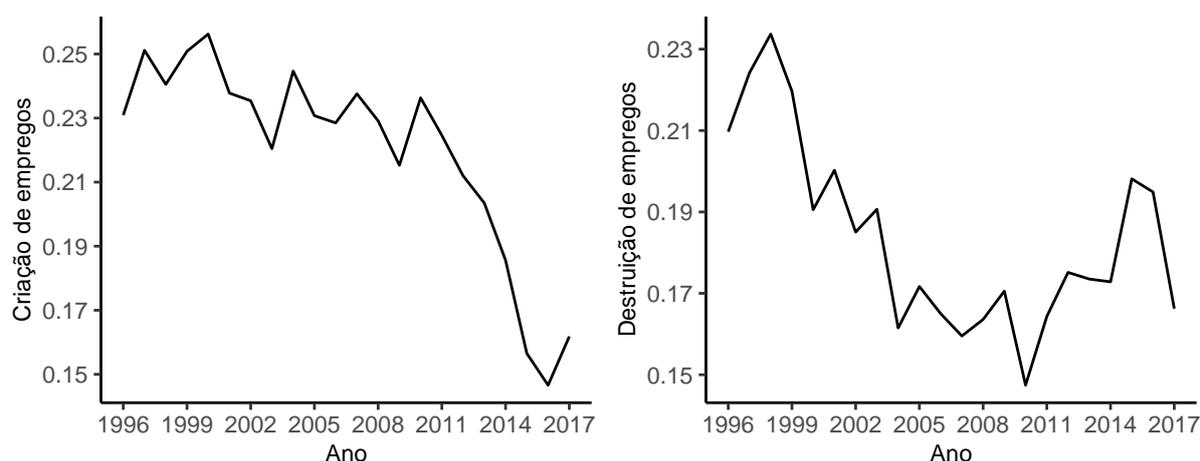


Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Fato 4. A realocação de empregos está caindo

Segundo [Calvino, Criscuolo e Verlhac \(2020\)](#), a criação e a destruição de empregos são fatores-chave para o dinamismo empresarial. Conforme demonstra a Figura 10, tanto a taxa de criação como a taxa de destruição de empregos no Brasil vem caindo desde 1996, com curtos períodos de recuperação. A taxa de criação de empregos caiu de 23,1%, em 1996, para 16,2%, em 2017 - uma redução de 6,9 p.p.. A taxa de destruição de empregos, por sua vez, caiu de 21,0% para 15,8% no mesmo período - redução de 5,2 p.p.

Figura 10 – Criação (esq.) e destruição (dir.) de empregos

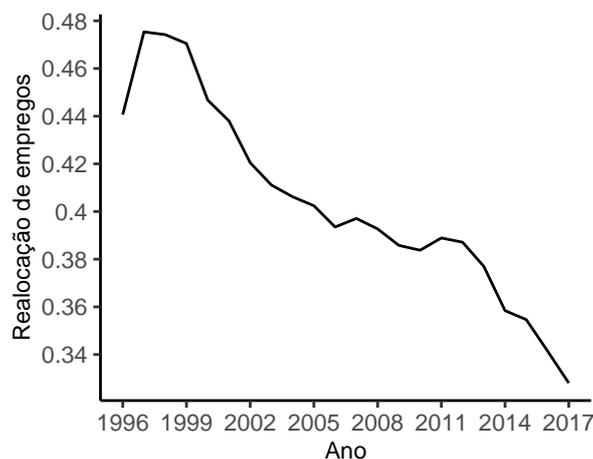


Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

A partir das estatísticas de criação e destruição de empregos, calcula-se a taxa de realocação de empregos, uma das principais variáveis observadas na literatura de dinamismo empresarial, e que tem apresentado tendência de queda nos países desenvolvidos ([AKCLIGIT; ATES, 2021](#); [DECKER et al., 2014](#); [HALTIWANGER, 2015](#)) e em desenvolvimento ([CALVINO; CRISCUOLO; VERLHAC, 2020](#)).

Nota-se, a partir da Figura 11, que o Brasil também está incluso nessa tendência de queda na realocação de empregos. Em 1996, a taxa de realocação de empregos no Brasil era de 44,1%. Em 2017, a mesma taxa chegou a 32,8%, o que representa uma queda de 11,3 p.p.

Figura 11 – Realocação de empregos

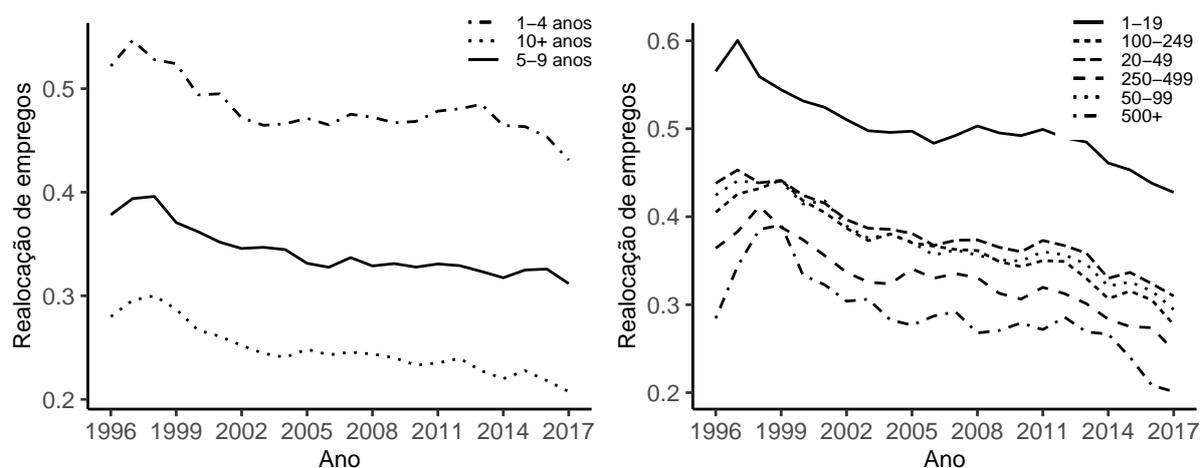


Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

A Figura 12 mostra que essa tendência de declínio na realocação de empregos no Brasil não é exclusiva de empresas de determinados portes ou idade, mas sim uma tendência que afeta a economia como um todo. Interessante observar que as empresas mais jovens e as empresas de menor porte são as que apresentam as maiores taxas de realocação de empregos. Ou seja, são as empresas que mais contribuem para o dinamismo empresarial no Brasil, o que está em linha com a literatura para os países desenvolvidos (DECKER et al., 2016; HALTIWANGER; JARMIN; MIRANDA, 2013).

Ademais, o Quadro A.4, no Anexo, sustenta que não se trata apenas de uma "migração" dos trabalhadores entre os setores da economia, uma vez que se observa queda na realocação de empregos em todas as CNAEs (com exceção da CNAE 1).

Figura 12 – Realocação de empregos por classe de idade (esq.) e por classe de tamanho (dir.)



Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

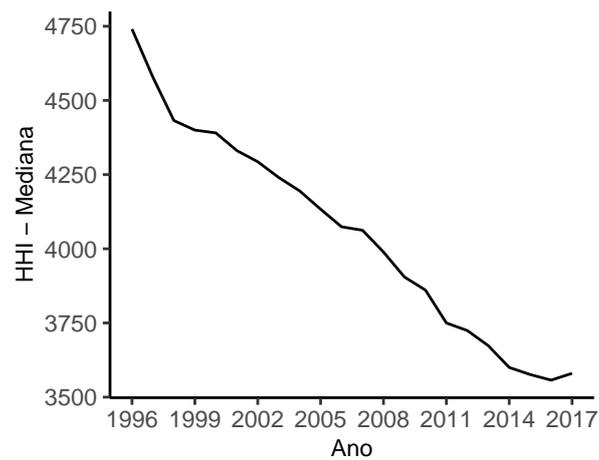
Fato 5. A concentração no mercado de trabalho está caindo

O aumento da concentração de mercado está entre as possíveis causas associadas à perda de dinamismo empresarial e econômico. Isso ocorre dado que economias que contêm empresas com alto poder de mercado se tornam mais fechadas e de difícil acesso para novas empresas. [Diez, Leigh e Tambunlertchai \(2018\)](#) constataram que esse fato é observado em países desenvolvidos, mas não conseguiram evidências que o mesmo ocorre em países emergentes e em desenvolvimento.

Nesse sentido, a Figura 13 traz a mediana do Índice de Herfindahl-Hirschman (HHI) para o mercado de trabalho no Brasil, de 1996 a 2017.⁴ Observa-se que o índice apresenta tendência declinante em toda a série. Isto é, o Brasil tem apresentado redução na concentração do mercado de trabalho nas últimas décadas. Não obstante, o Quadro A.5, no Anexo, demonstra que a queda no HHI vem ocorrendo em praticamente todos os setores da economia Brasileira, não se tratando de um movimento particular de alguns mercados.

⁴ O Índice de Herfindahl-Hirschman (HHI) é bastante utilizado na literatura de Organização Industrial para medir a concentração de mercado.

Figura 13 – Mediana do índice HHI para o Brasil



Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Portanto, embora não seja o objetivo deste estudo realizar uma análise causal dos determinantes do dinamismo empresarial no Brasil, cabe destacar que a hipótese de que a redução do dinamismo empresarial no Brasil possa estar sendo causada por um aumento da concentração do mercado de trabalho fica enfraquecida.

4 Conclusão

O objetivo principal deste artigo foi documentar a evolução do dinamismo empresarial no Brasil, comparando com os resultados observados em países desenvolvidos. A análise se deu através da mensuração e descrição de dados pareados de empresas e empregados, que foram obtidos da RAIS.

Os dados mostram que, no período analisado (1996 a 2017), houve redução na criação de novas empresas (taxa de entrada) e na participação de empresas jovens; tendência de queda no *employment growth* e na dispersão do crescimento das empresas; e redução do processo de realocação de empregos. Esses resultados subsidiam a percepção de que há um movimento de queda no dinamismo empresarial no Brasil, assim como observado nos países desenvolvidos. Ressalta-se que não se trata de uma tendência restrita a empresas de determinados portes, idade ou setores, mas sim observada de maneira generalizada na economia brasileira.

Além disso, o índice HHI calculado para o Brasil, diferentemente do observado em países desenvolvidos, demonstrou que não há tendência de aumento da concentração do mercado de trabalho no Brasil, o que poderia ser um possível determinante para a redução do dinamismo no país. Não obstante, se observa uma clara tendência de desconcentração de mercado ao longo do tempo.

Esses resultados contribuem de maneira significativa para a literatura de dinamismo empresarial, uma vez que há escassez de trabalhos nessa área para países em desenvolvimento e particularmente para o Brasil. Trabalhos futuros podem explorar os principais determinantes dessa queda observada no dinamismo empresarial brasileiro, entender se existe alguma relação com a informalidade no mercado de trabalho e estudar possíveis políticas públicas direcionadas a endereçar esse problema.

Referências

- AKCIGIT, U.; ATES, S. T. Ten facts on declining business dynamism and lessons from endogenous growth theory. *American Economic Journal: Macroeconomics*, v. 13, n. 1, p. 257–98, 2021.
- AKCIGIT, U.; ATES, S. T. What happened to us business dynamism? *Journal of Political Economy*, The University of Chicago Press Chicago, IL, v. 131, n. 8, p. 2059–2124, 2023.
- BLOOM, N. et al. Are ideas getting harder to find? *American Economic Review*, American Economic Association 2014 Broadway, Suite 305, Nashville, TN 37203, v. 110, n. 4, p. 1104–1144, 2020.
- BRUMMUND, P.; CONNOLLY, L. Who creates stable jobs? evidence from brazil. *Oxford bulletin of economics and statistics*, Wiley Online Library, v. 81, n. 3, p. 540–563, 2019.
- CALVINO, F.; CRISCUOLO, C.; VERLHAC, R. Declining business dynamism: Structural and policy determinants. OECD, 2020.
- CRISCUOLO, C.; GAL, P. N.; MENON, C. The dynamics of employment growth: New evidence from 18 countries. OECD, 2014.
- DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J. Gross job creation, gross job destruction, and employment reallocation. *The Quarterly Journal of Economics*, MIT Press, v. 107, n. 3, p. 819–863, 1992.
- DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J. Labor market fluidity and economic performance. *NBER Working Paper*, n. w20479, 2014.
- DECKER, R. et al. The role of entrepreneurship in us job creation and economic dynamism. *Journal of Economic Perspectives*, American Economic Association 2014 Broadway, Suite 305, Nashville, TN 37203-2418, v. 28, n. 3, p. 3–24, 2014.
- DECKER, R. A. et al. Where has all the skewness gone? the decline in high-growth (young) firms in the us. *European Economic Review*, Elsevier, v. 86, n. C, p. 4–23, 2016.
- DECKER, R. A. et al. Changing business dynamism and productivity: Shocks versus responsiveness. *American Economic Review*, American Economic Association 2014 Broadway, Suite 305, Nashville, TN 37203, v. 110, n. 12, p. 3952–3990, 2020.
- DIEZ, M. F.; LEIGH, M. D.; TAMBUNLERTCHAI, S. *Global market power and its macroeconomic implications*. [S.l.]: International Monetary Fund, 2018.
- HALTIWANGER, J. Job creation, job destruction, and productivity growth: The role of young businesses. *economics*, Annual Reviews, v. 7, n. 1, p. 341–358, 2015.
- HALTIWANGER, J.; JARMIN, R. S.; MIRANDA, J. Who creates jobs? small versus large versus young. *Review of Economics and Statistics*, The MIT Press, v. 95, n. 2, p. 347–361, 2013.

KARAHAN, F.; PUGSLEY, B.; ŞAHİN, A. *Demographic origins of the startup deficit*. [S.l.], 2019.

LOECKER, J. D.; EECKHOUT, J.; UNGER, G. The rise of market power and the macroeconomic implications. *The Quarterly Journal of Economics*, Oxford University Press, v. 135, n. 2, p. 561–644, 2020.

Anexo

1 Quadros adicionais

Quadro A.1 – Taxa de entrada (%) por CNAE, nos anos 1996, 2007 e 2017

CNAE	1996	2007	2017
1	0,30	0,27	0,18
2	0,82	0,66	0,51
3	1,25	1,18	1,16
4	0,48	0,62	0,88
5	0,25	0,21	0,18
6	0,26	0,20	0,16
7	1,52	1,07	0,90
8	0,96	0,82	0,54
9	0,46	0,40	0,35
10	1,14	0,87	0,62
11	2,72	2,45	1,54
12	0,36	0,43	0,18
13	2,46	1,69	1,56
14	0,10	0,08	0,09
15	4,92	4,43	6,03
16	40,70	45,06	37,54
17	4,61	4,67	3,88
19	9,86	8,93	11,96
20	3,72	5,71	5,88
21	15,44	13,28	18,14
22	3,29	2,52	4,33
23	2,12	1,66	2,00
24	0,02	0,01	0,00
25	2,24	2,78	1,40

Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Quadro A.2 – *Employment growth* para todas as empresas, por CNAE, nos anos 1996, 2007 e 2017

CNAE	1996	2007	2017
1	-0,062	0,044	-0,027
2	0,006	0,058	-0,057
3	-0,030	0,096	-0,014
4	-0,041	0,146	-0,014
5	0,014	0,107	-0,001
6	-0,048	0,125	-0,003
7	0,017	0,017	-0,012
8	-0,005	0,032	-0,028
9	-0,018	0,027	-0,018
10	-0,005	0,051	0,007
11	-0,032	0,059	-0,007
12	0,048	0,024	-0,023
13	0,000	0,077	0,018
14	-0,125	0,015	-0,002
15	0,044	0,151	-0,072
16	0,042	0,073	-0,003
17	0,020	0,083	0,012
19	0,063	0,112	-0,002
20	0,042	0,056	-0,005
21	0,034	0,059	-0,004
22	0,066	0,064	0,035
23	0,099	0,056	0,016
24	-0,407	-0,030	0,046
25	-0,094	0,043	0,031

Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Quadro A.3 – *Employment growth* para as empresas remanescentes, por CNAE, nos anos 1996, 2007 e 2017

CNAE	1996	2007	2017
1	-0,021	0,079	-0,033
2	0,017	0,064	-0,035
3	-0,009	0,102	0,002
4	-0,040	0,142	-0,008
5	0,037	0,107	0,017
6	-0,035	0,137	0,007
7	0,037	0,027	0,005
8	0,005	0,044	-0,006
9	0,001	0,014	-0,007
10	0,016	0,061	0,015
11	0,002	0,057	0,006
12	0,057	0,038	-0,007
13	0,004	0,080	0,005
14	-0,156	0,022	0,013
15	0,056	0,136	-0,065
16	0,038	0,063	0,003
17	0,027	0,074	0,014
19	0,065	0,117	0,004
20	0,045	0,056	0,003
21	0,042	0,058	-0,002
22	0,056	0,066	0,032
23	0,081	0,057	0,009
24	-0,047	-0,087	0,096
25	-0,054	0,048	0,048

Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Quadro A.4 – Realocação de empregos por CNAE, nos anos 1996, 2007 e 2017

CNAE	1996	2007	2017
1	0,39	0,34	0,41
2	0,36	0,31	0,27
3	0,38	0,33	0,27
4	0,33	0,36	0,29
5	0,33	0,40	0,25
6	0,31	0,25	0,21
7	0,41	0,37	0,29
8	0,32	0,28	0,24
9	0,39	0,35	0,25
10	0,37	0,30	0,20
11	0,41	0,35	0,29
12	0,45	0,39	0,25
13	0,38	0,34	0,21
14	0,31	0,18	0,19
15	0,71	0,67	0,61
16	0,45	0,39	0,32
17	0,46	0,40	0,31
19	0,56	0,48	0,39
20	0,36	0,37	0,30
21	0,47	0,38	0,35
22	0,29	0,26	0,25
23	0,32	0,30	0,28
24	0,67	0,36	0,22
25	0,50	0,51	0,36

Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.

Quadro A.5 – Mediana do índice HHI por CNAE, nos anos 1996, 2007 e 2017

CNAE	1996	2007	2017
1	995	710	731
2	1107	811	783
3	907	746	746
4	1024	1030	747
5	1717	2104	1895
6	2139	1708	1833
7	713	553	564
8	663	690	735
9	1189	1302	1260
10	735	747	848
11	324	214	232
12	596	193	173
13	1273	1191	1056
14	4105	3809	3471
15	253	326	271
16	60	38	37
17	379	281	260
19	282	361	287
20	477	322	276
21	120	116	78
22	228	240	240
23	205	141	117
24	8327	10000	10000
25	1632	1026	1044

Fonte: Elaboração do autor com dados da RAIS.